

CAPÍTULO 1

O Pentecostes do Antigo Testamento

David Murray

O reavivamento é uma obra soberana, poderosa, concentrada e rara do Espírito Santo que renova e multiplica o povo de Deus. Os reavivamentos ocorriam de maneira regular nos tempos bíblicos e, em especial, talvez na época do Antigo Testamento. Horatius Bonar identificou 14 acontecimentos no Antigo Testamento que poderiam ser descritos como reavivamentos. Outros estudiosos identificam entre oito e dez. No entanto, qualquer que seja o número deles, Wilbur Smith observou algumas características em comum. Na grande maioria, cada um deles teve um pano de fundo relacionado à corrupção moral e depressão nacional; eles tiveram início no coração de um servo especial de Deus, o qual se tornava a força energética por trás deles; deram início a uma nova e poderosa proclamação da Palavra de Deus; viram o retorno à adoração ao Pai; incluíram a destruição dos ídolos; criaram uma compreensão profunda do pecado e suas consequências, bem como um desejo de se afastar dele e de todas as suas origens; retomaram as ofertas dos sacrifícios de sangue e sua representação profética da expiação do Messias; viram a restauração de grande contentamento e alegria; e foram seguidos por um período de produtividade nacional e prosperidade.¹ Podemos sintetizar essas características como conhecimento espiritual elevado, sentimento espiritual aprofundado e obediência espiritual mais extensa, sendo todas elas geradas pelo Espírito Santo.

É verdade que nos reavivamentos relatados no Antigo Testamento poucos mencionam o Espírito Santo. No entanto, sabemos não que não existe algo como um reavivamento espiritual sem o Espírito Santo. E, embora as pessoas envolvidas neles não tivessem uma pneumatologia (teologia do Espírito Santo) tão desenvolvida como a que temos hoje, por certo elas

¹ Wilbur M. Smith, *The glorious revival under king Hezekiah* (Grand Rapids: Zondervan, 1937), vi–vii.

sabiam que o que estava acontecendo era resultado de um poder espiritual exterior e superior.

Vamos estudar um desses reavivamentos do Antigo Testamento, aquele que tem sido chamado de o maior reavivamento do Antigo Testamento, ou o “Pentecostes do Antigo Testamento”: o reavivamento que ocorreu sob o governo do rei Salomão quando o templo foi dedicado.

O ponto principal que quero enfatizar à medida que analisarmos esse acontecimento é o fato de o reavivamento espiritual estar fundamentado numa oração coletiva. Vemos isso também no Pentecostes do Novo Testamento; foi quando os discípulos “estavam todos reunidos no mesmo lugar” – certamente uma descrição de oração coletiva – que o Espírito Santo desceu sobre eles (At 2.1-4). E observamos esse acontecimento no Pentecostes do Antigo Testamento em 1Reis 8 (como também no relato paralelo em 2Cr 6-7).

SALOMÃO É PREPARADO PELO ESPÍRITO (v. 1-11)

Salomão foi preparado por Deus

Devemos observar como Salomão preparou-se para esse reavivamento, mas também devemos reconhecer que o próprio Salomão foi preparado por Deus. Quando Horatius Bonar pesquisou a história do reavivamento na Bíblia e na história da igreja, ele descobriu que de modo geral Deus usa determinado tipo de homens para essa importante obra.²

Eram homens de grande seriedade no ministério. Sentiam a imensurável responsabilidade como despenseiros dos mistérios de Deus e pastores designados pelo Supremo Pastor de reunir as almas e zelar por elas. Eles viviam, trabalhavam e pregavam como homens de cujos lábios dependia a imortalidade de milhares de pessoas. Tudo o que faziam e falavam levava o selo da sinceridade e eles proclamavam a todas as pessoas com quem tinham contato que as questões a respeito das quais haviam sido enviados a falar diziam respeito à eternidade, não admitindo indiferença e adiamento de um dia sequer.

Esses homens também eram otimistas quanto ao sucesso: “Como guerreiros, eles colocavam seu coração na vitória e lutavam com a

² As citações desta seção são de Horatius Bonar, o prefácio do editor a *Historical collections relating to remarkable periods of the success of the Gospel*, comp. John Gillies (Kelso, Great Britain: John Rutherford, 1845), vi-xi.

antecipação confiante do triunfo, sob a orientação desse tipo de Capitão como o chefe deles”.

Eram homens de fé: tinham confiança no Deus que os havia salvado, no Salvador que os havia comissionado, no Espírito Santo que os havia capacitado e na Palavra que proclamavam.

Eram homens de grande dedicação ao ministério:

A vida de cada um deles é a história de uma labuta incessante e incansável do corpo e da alma: tempo, força, substância, saúde e tudo o que eram e possuíam eles ofereciam liberalmente para o Senhor, não retendo nem invejando coisa alguma, mas rendendo tudo, com alegria e gratidão, a ele, que os havia amado e lavado dos pecados com o seu próprio sangue. [...] Trabalhavam para a eternidade, e como homens que sabiam que o tempo era curto e o dia da recompensa estava próximo.

Esses homens eram pacientes:

Não se sentiam desencorajados, embora tivessem de labutar por longo tempo sem ver todos os frutos que desejavam. [...] Foram feitas tentativas com o intuito de forçar um reavivamento por parte de homens impacientes com o progresso paulatino do trabalho em suas mãos e raramente elas acabavam de outra maneira senão em um fracasso desastroso, ou, na melhor das hipóteses, num entusiasmo momentâneo que queimava e esterilizava o solo do qual uma labuta um pouco mais paciente teria obtido uma colheita abundante.

Eram homens de ousadia e determinação: “Os adversários podiam combatê-los e fazer-lhes oposição, os amigos tímidos podiam hesitar, porém eles seguiam em frente, não se amedrontando de maneira alguma com as dificuldades e a oposição”.

Eram homens de oração:

É verdade que eles trabalhavam muito, faziam muitas visitas, estudavam muito, mas também oravam muito. Na oração, eles se destacavam. Passavam muito tempo a sós com Deus, realimentando a própria alma com o manancial da vida que, por meio deles, poderia fluir rios de água viva para o seu povo. [...] Se passássemos mais sábados em comunhão com o Pai, em intercessão solene em favor das pessoas, em humilhação pelo pecado e em súplica pelo derramamento do Espírito — nosso dia de descanso seria muito mais abençoado, nossos sermões muito mais bem-sucedidos, nossas faces resplandeceriam como aconteceu com a face de Moisés, um temor e uma reverência mais solenes se fariam presentes nas nossas reuniões e haveria um menor número de reclamações relacionadas ao trabalho em vão, ou quanto

a ter despendido força para nada. O que talvez se perdesse na composição elaborada, ou na precisão crítica do estilo ou argumento, seria muito mais do que compensado pela “porção dobrada do Espírito” que então receberíamos.

A conduta desses homens era irrepreensível:

A caminhada diária deles revelava o melhor testemunho e a melhor ilustração da verdade que eles pregavam. Eram sempre ministros de Cristo em todos os lugares onde se encontravam ou eram vistos. Nenhuma frivolidade, leviandade, hilaridade, convivência ou companheirismo com pessoas ou coisas do mundo neutralizava a pregação pública deles ou comprometia a obra que buscavam realizar.

Todas essas características são obra do Espírito de Deus. Muitas delas podem ser encontradas em Salomão. Quando Deus começa a moldar e formar homens como esses, então podemos ter esperança de que ele esteja preparando homens para uma grande obra na sua igreja, e talvez até mesmo para que venham a ser instrumentos de reavivamento.

Salomão preparou-se para Deus

Não só vemos Deus preparando Salomão com essas características moldadas pelo Espírito, mas também vemos Salomão preparando-se para ele. Levou quatro anos para preparar os materiais do templo e outros sete para construí-lo. Uma vez edificado, Salomão esperou 11 meses para a dedicação, de modo que ela coincidissem com a Festa dos Tabernáculos, uma celebração que lembrava os israelitas da peregrinação deles pelo deserto.

1. A arca vai para o templo (v. 1-9)

A arca da aliança havia conduzido o povo pelo deserto e ela estava estreitamente associada ao tabernáculo, o lugar onde Deus encontrava-se com seu povo e habitava entre eles. Nesse momento, ela estava fazendo a sua última viagem para ser colocada no templo no monte Moriá, o que significava que então Deus estava transferindo sua presença especial para aquele lugar.

Embora esse relato nos lembre da transferência que Davi fez da arca para Jerusalém (2Sm 6.12-19), trata-se de algo de uma escala muito maior. A arca não estava sendo levada para uma tenda, mas para um templo grandioso, e os sacrifícios foram inumeráveis.

2. Deus vai para o templo (v. 10-11)

Quando a arca adentrou o templo, Deus também o fez. Os sacerdotes que a haviam carregado saíram, e a nuvem gloriosa da presença de Deus entrou e encheu o lugar, impossibilitando os sacerdotes de realizar o seu trabalho.

Algo muito semelhante ocorreu durante a organização inicial do tabernáculo (Êx 40.34-35). Em ambas as ocasiões, a nuvem gloriosa entrou, encheu-o e o dominou, indicando a aceitação e aprovação de Deus do que havia sido feito. Ele não estava apenas ao lado ou acima, mas dentro do templo.

SALOMÃO PREGA PELO ESPÍRITO (v. 12-21)

O “sermão” de Salomão relembrou o povo da promessa de Deus quanto ao templo e quanto ao propósito que tinha para ele.

1. A promessa de Deus do templo (v. 12-19)

Salomão recordou a fidelidade de Deus para com a nação e relembrou o povo de que o Senhor havia cumprido com a sua boca o que havia dito (v. 15). Deus havia provado que suas palavras eram perfeitamente confiáveis.

Salomão pôde dizer: “Bendito seja o SENHOR, que deu repouso ao seu povo de Israel, segundo tudo o que prometera; nem uma só palavra falhou de todas as suas boas promessas, feitas por intermédio de Moisés, seu servo” (1Rs 8.56).

Isso tudo é semelhante ao Pentecostes do Novo Testamento, quando os apóstolos também celebraram a promessa de Deus cumprida por meio dos seus profetas quanto ao templo do seu Filho (At 2.16s).

2. O propósito de Deus para o templo (v. 20-21)

O templo tinha um propósito duplo, o primeiro era honrar o nome de Deus (v. 20). Era uma casa para o nome do Yahweh (v. 17,20), uma ideia importante na oração que se seguiu. Isso significava que seria um lugar onde o caráter de Deus seria revelado. O segundo era abrigar a arca de Deus (v. 21). Ela era o símbolo especial da presença do Senhor, o trono sobre o qual ele escolheu “sentar-se”. O templo foi o lugar onde o Pai revelou o seu caráter e nele habitou.

SALOMÃO ORA PELO ESPÍRITO (v. 22-53)

Lembre-se de que: a ênfase deste capítulo é: “o reavivamento espiritual fundamentado na oração coletiva”. Portanto, quero fazer uma pausa aqui e ressaltar cinco importantes características da oração de Salomão.

Primeira: foi uma oração coletiva. Uma das marcas do reavivamento espiritual no decorrer de toda a história da igreja tem sido a reunião do povo de Deus para orar e um desejo em comum de que ele opere no meio deles.